

OBSERVAÇÃO DA RELAÇÃO MÃE- BEBÊ-FAMÍLIA

Maria Silvia R. M Valladares

Para mim foi e tem sido uma experiência muito criativa e gratificante entrar em contato com mães e seus bebês, coisa que venho fazendo há mais de 30 anos.

O método por nós empregado foi instituído por Esther Bick em 1947, em Londres, e é um método psicanalítico. Ele se desenvolve em 3 partes: 1) consta da observação de um bebê, em seu ambiente familiar, pelo período de 1 a 2 anos; 2) O aluno, registra o material, após a sessão de observação e traz para os seminários clínicos de observação e 3) Nos seminários o grupo, sob a coordenação de um profissional experiente na área, comenta o material e procura dar significado aos comportamentos observados pelo observador. É uma experiência nova e rica para o observador, que tem que lidar com suas identificações introjetivas e projetivas, com as transferências e contratransferências. Para isto, ele deve contar com o apoio do grupo e, principalmente, com sua análise pessoal, pois o bebê do observador está quase sempre envolvido.

Quais as vantagens para o observador, principalmente para um analista em formação? Em primeiro lugar, ele tem uma oportunidade única de acompanhar o desenvolvimento físico e emocional de uma criança, do 0 a 1 ou 2 anos; tem o prazer de manter contato com um bebê e seus pais durante esse período; e o que talvez seja o mais importante, aprende a observar os comportamentos não verbais do bebê, das relações deste com sua família, seu desenvolvimento físico e emocional, o que futuramente será muito útil no seu trabalho de consultório, em sua análise pessoal também. E o contato com os estados primitivos da mente, na sua origem e essência.

Embora o observador não prometa nada à família, porque na verdade é ele que deve esta grande experiência de aprendizado àqueles que o acolheram, nossa experiência nos aponta que quase sempre o bebê e seus pais são bene-

ficiados, na medida em que encontram alguém com disponibilidade para ouvi-los e acolhê-los, sem interferir na relação, sem interpretar ou dar conselhos. Tem um profissional que os olha, com um olhar acolhedor e um coração aberto, e ao mesmo tempo neutro.

Outro aspecto relevante diz respeito ao desenvolvimento profissional do observador: se quiser e se dispor a se preparar teórica e clinicamente, estará apto a fazer, após a conclusão do período de observação, intervenções precoces, em bebês e em crianças de 0 a 3 anos. Em um segundo passo, muito importante para prevenir situações de riscos e futuras patologias nas crianças. É muito relevante também para os pais, principalmente a mãe que muitas vezes está deprimida, por problemas existenciais seus e também pelo excesso de trabalho que um bebê demanda, noites mal dormidas, mamadas dia e noite sem parar. Como costumam brincar alguns, “tudo é culpa da mãe” ou aquela mãe é uma “geladeira” por isso o bebê ficou autista.

Vejamos, então, como é fundamental o papel da prevenção, no sentido de detectar situações de riscos e patologias em andamento. Além de ser um papel muito bonito, a observação da relação mãe-bebê e as intervenções precoces nos ensinam, a todos nós psicanalistas, a enfrentar os nossos aspectos psíquicos e emocionais mais primitivos, bem como os dos nossos pacientes. Para mim, o futuro da Psicanálise envolve prevenção e cuidados com os bebês e suas famílias. Precisamos conhecer e chegar o mais próximo possível do nosso bebê e de nossa criança. Com dizia Virginia Bicudo, ao ser perguntada sobre a diferença entre Psicanálise de Adultos e de Crianças: “E existe outra?” ao se referir à Psicanálise de Crianças, na qual a Observação é o instrumento primeiro e relevante daquela formação.



Maria Silvia R. M Valladares é membro titular e analista de crianças e adolescentes da Sociedade de Psicanálise de Brasília e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.